

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
GVPESQUISA - CONEXÃO LOCAL

DANIELA NOGUEIRA MENDES  
FÁBIO BRUNO ARAÚJO QUEIROGA

**CENTRO POPULAR DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO, EM ARAÇUAÍ:**  
***O empodimento na prática***

São Paulo

2016

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, ao GVPesquisa, pela oportunidade ímpar proporcionada em nossas vidas. Oportunidade esta que nos enriqueceu de uma forma única, tanto do ponto de vista acadêmico, profissional, pessoal, como do espiritual. Gostaríamos de direcionar a nossa gratidão especial também aos professores Amon Barros e Marcus Vinícius, por toda atenção, orientação, dedicação, paciência, e confiança para conosco. Sem esta última, particularmente, nós nunca teríamos vivido aqueles que fizeram parte, sem sombra de dúvidas, dos melhores momentos de nossas vidas.

Não podemos deixar de agradecer os araçauienses que fizeram daqueles vinte dias uma jornada inesquecível, abrindo a porta de suas casas e corações, doando os seus tempos para nos ouvir e principalmente nos ensinar, com tamanha humildade e sabedoria que não conseguimos sequer expressar em palavras. Permitamo-nos fazer questão de mencioná-los, são eles: Lira Marques (artesã), pela enorme tranquilidade e palavras sábias, e pelos sucos e biscoitos; Zefa (artesã), pela linda oração da “Mãe Terra”; Wagner, por ter se preocupado em pegar maracujá na copa de sua árvore para fazer-nos um suco; Seu Manoel (taxista), pela simpatia e gentileza comum da cidade; Durval (morador), pela simplicidade e pelos “bicos de táxi”; Adalto, Juan e Wesley (funcionários da pousada na qual ficamos hospedados), pela gigantesca cortesia e gentileza; Lourdes (moradora de São João de Setubal, zona rural), pela honra em conhecer o seu quintal cheio de vida, e por nos ter recebido como familiares próximos; Seu Lidirico (dono da mercearia mais antiga da cidade, fundada em 1940), pelas épicas histórias de vida; Liza e Té (cozinheiras do projeto Ser Criança, não isentas do papel educativo das crianças), pela comida genuinamente mineira – inexplicavelmente deliciosa –, pela prontidão, e pela infinita simpatia que tornam aquela cozinha um laboratório de alegria e afetividade; Regina (membra do Arasempre), pelo convite à festa julina beneficente; Celso (membro do Arasempre), pelos ensinamentos e sabedoria inenarráveis, mostrando-nos que há mestres inconfundíveis também fora das universidades; Eliane (diretora pedagógica do CPCD), pela generosidade rara de se encontrar; Marton Martins (membro do CPCD) e sua namorada Gabriela, pelas conversas sem fim, amizade, e por ter ido gentilmente até o nosso embarque; Tamires (membra da Fabriqueta de Turismo), pela companhia, amizade e risadas intermináveis; Pâmela (também membra da Fabriqueta de Turismo), pela agradabilíssima companhia, tranquilidade contagiante e pela sincera amizade que

fizemos; Paula, Yuri, Janinha, Juliana, Cléia, Vica, Cris, Léia e todos os educadores pelo carinho, atenção, aprendizados e alegria. Enfim, todas essas pessoas destacadas são algumas das que ficarão guardadas pelo resto das nossas vidas em nossas lembranças.

Agradecemos, finalmente, a todos os membros e membras do CPCD, por ceder seus tempos às entrevistas, conversas informais, e pela companhia agradável, tal como um doce de leite mineiro; pela grande colaboração que facilitou bastante a nossa pesquisa. Bem como por fazer-nos acreditar que os sonhos são reais e possíveis; por ajudar-nos a reafirmar a nossa busca utópica por um mundo melhor e mais justo; por mostrar-nos que qualquer pessoa tem um ponto luminoso, isto é, alguma coisa que sabe fazer e que pode ser ensinado, qualquer que seja esse saber; por nos mostrar que é possível ensinar aprendendo e aprender ensinando, e numa troca sincera e multiplicadora de conhecimento transformar; por nos ensinar que educação pode ser feita de baixo de um pé de manga. Não teria melhor expressão para encerrarmos os nossos agradecimentos senão aquela, mineira na essência: “*gradecido (a)!*”.

[...]

*Assim dizendo a minha utopia  
Eu vou levando a vida, eu vou viver bem melhor  
doido prá ver o meu sonho teimoso um dia se realizar.*

(Milton Nascimento – Coração Civil)

[...]

*De Araçuaí, eu trouxe uma pedra de topázio.  
Isto, sabe o senhor por que eu tinha ido lá daqueles lados? De mim, conto. Como é que  
se pode gostar do verdadeiro no falso? Amizade com ilusão de desilusão. Vida muito  
esponjosa. Eu passava fácil, mas tinha sonhos, que me afadigavam. Dos que a gente  
acorda devagar. O amor? Pássaro que põe ovos de ferro.*

(João Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas)

## RESUMO

O Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) é uma ONG criada pelo educador e antropólogo Tião Rocha, em Belo Horizonte. Com mais de trinta anos de existência, o CPCD atua nas áreas de educação popular e desenvolvimento comunitário sustentável, com ações nos estados do Maranhão, Minas Gerais e São Paulo. Este estudo abordará as ações desenvolvidas pela ONG no município de Araçuaí (MG), localizado no Vale do Jequitinhonha, que compõem a plataforma Arasempre. Esta reúne diversos projetos socioeducativos com objetivos e públicos específicos, que se relacionam entre si em torno de uma mesma causa: transformar Araçuaí em um lugar melhor para se viver, valorizando os aspectos sociais, culturais, econômicos e de meio ambiente, para todos, para sempre. Diante disso, os projetos do Arasempre buscam empoderar os cidadãos para que eles sejam os agentes de transformação de suas próprias vidas e realidades.

Trata-se de um trabalho muito amplo, com várias ações específicas e intersecções entre elas que possibilitam integrar os esforços para a causa única do Arasempre. Existe uma profunda valorização dos aspectos histórico-culturais e dos saberes locais, intrínsecos a todas as ações e discursos promovidos pelo CPCD. Essa característica é crucial, pois favorece o fomento do protagonismo e do empoderamento no público atendido, despertando nas pessoas uma condição de agente, capazes de realizar transformações nas suas próprias vidas e nas comunidades que fazem parte, para além dos estigmas impostos ao Vale do Jequitinhonha.

Desse modo, o objetivo deste estudo é compreender como as ações do CPCD, em Araçuaí, geram empoderamento e como este pode ser observado na prática. Este trabalho se baseou em observações registradas em diário de campo, entrevistas semiestruturadas, bem como conversas espontâneas e informais com os diversos atores envolvidos no Arasempre – membros do CPCD, público atendido, personalidades da cidade e representantes do poder público.

Observamos que as ações desenvolvidas pelo CPCD possibilitam de fato transformações na vida das pessoas envolvidas e de suas comunidades. O empoderamento – ou *‘empodimento’*, ou ainda, *‘nóis pode’*, nas palavras dos idealizadores – constrói em Araçuaí um caminho exitoso na busca do enfrentamento de problemas subjetivos, ou pessoais, bem como estruturais, ou coletivos, a partir de práticas simples e de baixo custo, no entanto com bons resultados na qualidade de vida de seus cidadãos.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	7
<b>2. O Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento</b> .....	8
2.1 O município de Araçuaí – dados quantitativos .....	9
2.2 A plataforma Arasempre .....	10
<b>3. Metodologia</b> .....	12
<b>4. Referencial Teórico</b> .....	13
4.1 Empoderamento .....	13
4.2 Educação como empoderamento .....	15
<b>5. Análise</b> .....	16
5.1 Vivenciando o Arasempre .....	16
5.2 O CPCD em Araçuaí .....	20
5.3 Pedagogias e metodologias do CPCD: motivando o empoderamento .....	24
5.4 O <i>empodimento</i> na prática .....	29
<b>6. Considerações Finais</b> .....	34
<b>7. Referências Bibliográficas</b> .....	37

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido a partir da experiência de campo realizada no Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), no município de Araçuaí (MG), localizado no Vale do Jequitinhonha. O CPCD é uma organização não governamental, com mais de trinta anos de atuação nas áreas de educação popular e desenvolvimento comunitário sustentável. O trabalho da ONG está presente, atualmente, em cidades de Minas Gerais, Maranhão e São Paulo. Em Araçuaí, o conjunto das ações do CPCD forma a plataforma Arasempre.

Trata-se de vários projetos socioeducativos diferentes que se relacionam entre si em torno de uma mesma causa: transformar Araçuaí em um lugar melhor para se viver, valorizando os aspectos sociais, culturais, econômicos e de meio ambiente. Para isso, os projetos do Arasempre buscam empoderar os cidadãos para que eles sejam os agentes de transformação de suas próprias vidas e realidades.

É exatamente com base neste aspecto que esta pesquisa será desenvolvida. Como o empoderamento, motivado pelas ações do CPCD, é observado na prática cotidiana das pessoas envolvidas? Para chegar a possíveis respostas, tomamos como objetivo geral compreender como as ações do CPCD, em Araçuaí, geram empoderamento e como este pode ser observado na prática.

A relevância da discussão levantada por este trabalho envolve aspectos práticos e teóricos. Primeiramente, o conceito de empoderamento aqui abordado se relaciona com a ideia de tomada de consciência, por parte de um indivíduo, comunidade ou organização, que permite criar alternativas e ações práticas com propósitos de mudanças acerca das condições estabelecidas na sociedade. Nesse sentido, o empoderamento motivado pelas ações do CPCD se reflete como uma forte contraposição à visão estigmatizada e prejudicial sobre o Vale do Jequitinhonha e seus moradores – a ideia da região como extremamente pobre, estereotipada como “vale de miséria” e, por causa disso, demasiadamente dependente de caridade, assistencialismo e dó alheia. Além disso, Araçuaí apresenta uma realidade socioeconômica, cultural, geográfica e política semelhante a outros municípios do Vale e do próprio país, de modo geral. Assim, os modelos de aprendizagem tal como as ações desenvolvidas pelo CPCD podem contribuir e servir como inspiração prática para o poder público, sociedade civil e outros atores sociais.

No campo teórico, acreditamos que este trabalho possa colaborar com estudos sobre empoderamento, levando em consideração que esse termo vem se apresentando com muita evidência no contexto brasileiro nos últimos anos. Ademais, o trabalho propõe o diálogo entre teorias já existentes para discutir um problema real e deixa aberto um convite para novas reflexões e questionamentos acerca da discussão aqui apresentada.

No que diz respeito à escolha do referencial teórico, optamos por nos debruçarmos sobre estudos que tratem da questão do empoderamento, bem como de teorias que abordem os contextos que facilitam ou dificultam o surgimento de indivíduos empoderados, além de uma discussão acerca da relação da pedagogia *freiriana* com o assunto.

A partir do trabalho de campo realizado em Araçuaí – que terá sua metodologia relatada – e do objetivo definido para esta pesquisa, foi possível relacionar a prática do CPCD com as teorias aqui presentes, o que contribuiu para uma melhor compreensão do caso estudado. Desse modo, ao final, procuramos apontar algumas conclusões no que diz respeito ao empoderamento despertado nas pessoas a partir das ações do CPCD e aos reflexos disso na prática cotidiana.

## **2. O CENTRO POPULAR DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO**

O Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) é uma organização não governamental sem fins lucrativos fundada em 1984, na capital mineira Belo Horizonte, pelo educador e antropólogo Sebastião Rocha, popularmente conhecido por Tião Rocha. A ONG atua nas áreas de educação popular e desenvolvimento comunitário sustentável, e já realizou suas ações em cidades do Maranhão, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, além de sua atuação internacional nos países Peru, Moçambique e Guiné Bissau (PARREIRA, 2014).

A partir de uma base de valores bem consolidada, com forte influência e inspiração na Carta da Terra<sup>1</sup> e na ideologia do educador Paulo Freire, o CPCD procura

---

<sup>1</sup> “A Carta da Terra é uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século 21, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Busca inspirar todos os povos a um novo sentido de



desenvolver tecnologias sociais com base na cultura regional voltadas, principalmente, para municípios com menos de 50 mil habitantes. O CPCD trabalha com diversas pedagogias, entre elas, a pedagogia do copo cheio. Esta consiste em atuar não sobre a lógica do oficial Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – que, segundo a organização, mede o lado vazio do copo –, mas, sim, sobre o Índice de Potencial de Desenvolvimento Humano (IPDH), que mede o lado cheio do copo e trata as comunidades e indivíduos a partir de suas potencialidades. Assim, a ONG volta suas ações para o investimento na maximização do potencial que já existe em cada região.

O CPCD trabalha, ainda, com as Pedagogias da Roda – que promove o aprender a conviver –, do Abraço – o aprender a ser –, do Brinquedo – o aprender a aprender –, e a do Sabão – aprender a fazer. Estas são usadas para a realização de todas as atividades e têm como objetivo ensinar e preparar as pessoas para o diálogo, para a valorização de pontos de vista únicos e plurais, a horizontalidade do aprendizado, o empoderamento comunitário, a formação da identidade e da autoestima e o aproveitamento das potencialidades.

Este trabalho irá focar nas ações realizadas pela ONG no município de Araçuaí, nas veredas do estado de Minas Gerais.

## **2.1 O município de Araçuaí – dados quantitativos**

O município mineiro de Araçuaí está localizado no nordeste do estado, há 678 quilômetros da capital Belo Horizonte. Com um território extenso, 2.236 quilômetros quadrados, possui uma população com cerca de 36.013 habitantes e baixa densidade demográfica, apenas 16,10 habitantes por quilômetro quadrado, segundo dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Araçuaí fica na região do Vale do Jequitinhonha, conhecida por ser um dos locais mais pobres em aspectos socioeconômicos do Brasil. O levantamento divulgado no site do IBGE mostra uma série de três décadas, 1991, 2000 e 2010, que demonstra certo avanço nesse quesito, com índices de 0,338; 0,516; e 0,663, respectivamente.

---

interdependência global e responsabilidade compartilhada voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. ” Disponível em: <[http://www.cartadaterrabrasil.com.br/prt/what\\_is.html](http://www.cartadaterrabrasil.com.br/prt/what_is.html)>.

Com uma população majoritariamente jovem e em idade economicamente ativa, Araçuaí possui um produto interno bruto de R\$ 174.126,00, tendo os setores de serviços, indústria e agropecuária participação de 74%, 21% e 5% respectivamente, ainda segundo dados do IBGE levantados em 2010.

De acordo com o Relatório de Informações Sociais, 8.424 famílias estão inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Ministério do Desenvolvimento Social. Tal cadastro reúne informações socioeconômicas das famílias com renda mensal de até meio salário mínimo. Dessas 8.424 famílias, 3.445 possuem uma renda per capita familiar de no máximo R\$ 77,00. Ainda de acordo com o relatório, 4.230 famílias são beneficiadas pelo Programa Bolsa Família.

## **2.2 A plataforma Arasempre**

Segundo a definição dos membros do CPCD, o Arasempre é uma plataforma de transformação coletiva, que ambiciona transformar Araçuaí em uma cidade para todos, e para sempre. Ou seja, uma cidade sustentável, onde prevaleça os princípios da Carta da Terra – a ética, a integridade, a sustentabilidade ambiental, a justiça social e econômica, a democracia, a não violência e a paz.

Ao longo das três semanas em Araçuaí, buscamos compreender o funcionamento do CPCD e as atividades por ele desempenhadas. Trata-se de um trabalho muito amplo, com várias ações específicas e interligações entre elas que possibilitam integrar os esforços para a causa única do Arasempre. Existe uma profunda valorização dos aspectos histórico-culturais e dos saberes locais, intrínsecos a todas as ações e discursos promovidos pelo CPCD. Essa característica é crucial, pois favorece o fomento do protagonismo e do empoderamento no público atendido, despertando nas pessoas uma condição de agente, capazes de realizar transformações nas suas próprias vidas e nas comunidades que fazem parte, para além dos estigmas impostos ao Vale do Jequitinhonha.

A seguir, apresentamos uma breve descrição de cada projeto que, juntos, compõem a plataforma Arasempre.

Projeto Ser Criança: o objetivo do projeto é atuar no combate ao fracasso escolar e pessoal a partir de ações desenvolvidas com crianças e jovens de 7 a 14 anos. As atividades realizadas buscam oferecer uma formação humana capaz de interferir positivamente e de maneira transformadora na vida dos participantes.

Coral Meninos de Araçuaí: existe desde 1998, e tem como objetivo o aprimoramento técnico em canto e música de crianças e jovens entre 7 e 16 anos; o projeto é considerado um aliado no processo de formação de cidadania, socialização, sensibilização, estética e, principalmente, no desenvolvimento da autoestima.

Projeto Fabriquetas: núcleos de produção que compõem a Cooperativa Dedo de Gente. Além do fortalecimento da renda familiar, o projeto tem o objetivo de oferecer qualificação técnica e humana para os jovens, ampliando suas perspectivas de atuação na vida profissional. Atualmente, existem as fabriquetas de tinta de terra, marcenaria, serralheria, software, turismo e cinema. Ademais, a partir de fazeres e saberes tradicionais, o projeto também pretende resgatar a autoestima e provocar a busca por alternativas materiais para minimizar as carências. O que é produzido nas fabriquetas é vendido pela Dedo de Gente, que possui loja física na cidade e também loja *online* com vendas para todo o Brasil. Os jovens passam por uma formação técnica e humana, e alguns são contratados como estagiários na cooperativa; conforme o desenvolvimento, eles vão sendo incluídos como cooperados da Dedo de Gente.

Cinema Meninos de Araçuaí: surgiu a partir do sucesso do coral, que conseguiu arrecadação para montar a única sala de cinema da cidade. Além da exibição de filmes nacionais e internacionais, os jovens realizam suas próprias produções audiovisuais, resgatando a valorização da cultural regional, consolidando aprendizado técnico na área de áudio e vídeo e contribuindo para o lazer e divertimento da população.

Instituto de Permacultura<sup>2</sup> do Vale do Jequitinhonha – Sítio Maravilha: criado em 2005, tem como objetivo articular tecnologias sociais em uma mesma localidade para potencializar o trabalho educativo já existente, possibilitando novas ações na área de segurança alimentar e hídrica, agroecologia e energias renováveis, orientando o desenvolvimento local para a sustentabilidade em três dimensões – social, ambiental e econômica. Também envolve a capacitação de moradores da cidade para o papel de

---

<sup>2</sup> Permacultura é um sistema de planejamento para a criação de ambientes humanos sustentáveis e produtivos em equilíbrio e harmonia com a natureza.

agentes comunitários, com o intuito de multiplicarem as boas práticas com os demais moradores em suas comunidades.

### **3. METODOLOGIA**

A pesquisa de campo para realização deste trabalho consistiu em uma imersão de três semanas no Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), em Araçuaí. Antes de realizar a viagem, pesquisamos sobre a ONG a partir de materiais disponíveis na internet, bem como sobre o município mineiro. Percebemos, então, quão amplas e complexas são as ações desenvolvidas e, por isso, não tínhamos um problema de pesquisa definido antes de chegar na cidade e conhecer pessoalmente o trabalho realizado pelo CPCD.

Nossa pesquisa de campo contou com um fator peculiar que nos ajudou muito: o fato de o CPCD ter uma estrutura para receber interessados em conhecer a ONG e a cidade para diferentes finalidades. Trata-se da Fabriqueta de Turismo, oferecendo serviços que ajudaram com questões de estadia – hospedagem, alimentação e transporte –, além de realização de um roteiro prévio com programação para conhecermos todas as ações do CPCD e alguns locais e personalidades importantes da cidade. Além disso, por conta dos valores da ONG e do jeito receptivo e hospitaleiro comum ao povo mineiro, logo nos primeiros dias foi criada uma relação amiga entre nós e todos os membros do CPCD, que se dispuseram a contribuir no que fosse preciso para a realização desta pesquisa. Essa condição nos aproximou ainda mais do papel do pesquisador conversador no cotidiano, destacado por Spink (2008).

O roteiro criado pela Fabriqueta de Turismo durou os primeiros cinco dias. A partir desse primeiro contato, foi possível entender o que era a plataforma Arasempre e qual era o papel de cada projeto para a concretização da causa única – transformar Araçuaí em uma cidade melhor. Também começamos a entender com mais detalhes qual era a relação do CPCD com o município e quais particularidades Araçuaí possuía.

Somente nesse momento conseguimos definir o problema de pesquisa: como o empoderamento, motivado pelas ações do CPCD, é observado na prática cotidiana das pessoas envolvidas? Assim, definimos o seguinte objetivo para este trabalho:

compreender como as ações do CPCD, em Araçuaí, geram empoderamento e como este pode ser observado na prática. Desse modo, estabelecemos alguns objetivos específicos que orientaram a nossa prática em campo: (I) descrever o que é e como atua o CPCD em Araçuaí, bem como sua relação com o município e com a cultura local; (II) analisar as pedagogias e metodologias adotadas; e (III) entender como os envolvidos observam o impacto das ações do CPCD em suas vidas.

A partir de tais delimitações, começamos a estruturar uma agenda de entrevistas, definindo quais atores seriam importantes para este trabalho. Ou seja, os idealizadores do CPCD, os educadores, as pessoas atendidas pelas ações da ONG, moradores mais antigos da cidade e representantes do poder público – membros da Secretaria Municipal de Educação e da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico Sustentável. Iniciamos, então, a formulação de questionários com perguntas fundamentais para o nosso objetivo e o agendamento de encontros com os atores.

As entrevistas aconteceram de forma semiestruturada e foram gravadas com autorização dos entrevistados. Contudo, a maior parte do trabalho em campo consistiu em momentos de participação nas ações cotidianas do CPCD, onde surgiam conversas espontâneas e informais que traziam dados importantes para a realização da pesquisa. Ademais, as próprias impressões advindas dessa participação – ora como personagens, ora como apenas observadores – continham informações relevantes. Desse modo, realizamos anotações diárias (diário de campo) acerca desse conteúdo que não tínhamos como registrar em gravações.

## **4. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **4.1 Empoderamento**

De acordo com Romano e Antunes (2002), a noção de empoderamento começa a ser utilizada nos anos de 1970 entre os movimentos sociais. Horoschovski (2006) aponta que as primeiras referências ao termo foram localizadas nos Estados Unidos, sobretudo entre os movimentos de luta pelos direitos civis, como os movimentos negro e feminista.

O termo empoderamento possui várias interpretações, isto é, trata-se de um termo em disputa no campo ideológico acerca do desenvolvimento (ROMANO e ANTUNES, 2002). Neste sentido, conforme aponta Romano (2002), o conceito de empoderamento passou por generalizações que, inclusive, reduziram o seu significado, tornando-o algo técnico, sem participação na prática social e política. Logo, é importante destacar que essa não será a abordagem apresentada neste trabalho.

Segundo Horoschovski (2006), o empoderamento acontece quando atores sociais reúnem recursos que lhes permitem tomar parte das decisões que lhes afetam, através da fala ou de suas ações. Isso torna-se possível quando pessoas e grupos conquistam autonomia para decidirem sobre seus destinos. Conforme Romano e Antunes (2002), o conceito pode ser definido como um processo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades assumem o controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida e tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir. Friedmann (1996), por sua vez, considera empoderamento qualquer acréscimo de poder que, dado ou conquistado, permite aos indivíduos aumentarem a eficácia do seu exercício de cidadania.

De acordo com Villacorta e Rodriguez (2002), o empoderamento não é um processo natural, mas, sim, induzido. Desse modo, a busca pelo empoderamento implica ações estratégicas, mais ou menos coordenadas, delineadas no âmbito das propostas de desenvolvimento que são criadas (HOROSCHOVSKI, 2006). Nesse sentido, as diferentes abordagens do conceito de desenvolvimento podem influenciar o surgimento, ou não, de indivíduos e grupos empoderados. Assim, torna-se importante a discussão levantada por Sen (2015) acerca do papel de agente do indivíduo, que se relaciona ao conceito de desenvolvimento. O verdadeiro desenvolvimento, conforme afirma Sen (2015), está muito além do crescimento econômico; ele deve se basear nas liberdades substantivas dos indivíduos. A liberdade é o determinante principal da iniciativa individual, ou seja, da condição de agente que o indivíduo possui – quanto mais liberdade, melhor o potencial das pessoas para melhorarem suas próprias vidas e o mundo (SEN, 2015). O termo *agente* é usado pelo autor no sentido de alguém que age e ocasiona mudança e, apesar de não trabalhar com o termo empoderamento, tal sentido consegue se relacionar com as definições apresentadas até aqui.

## 4.2 Educação como empoderamento

Valoura (2010), em seu artigo sobre o conceito de empoderamento defendido por Paulo Freire, aponta que a visão *freiriana* do termo envolve realizar mudanças e ações que levam as pessoas e os grupos a evoluírem e se fortalecerem. O termo seria, assim, relacionado à ideia de "libertação do oprimido"; uma conquista da liberdade pelas pessoas que têm estado subordinadas a opressores (VALOURA, 2010). Tal libertação deve ser feita por meio da ação política junto com os oprimidos, numa espécie de “ação cultural”, segundo Freire (2015).

Para ele, os oprimidos têm uma dependência emocional, consequência da situação factual de dominação em que se encontram e que cria a sua “visão inautêntica” do mundo; tal dependência não pode ser aproveitada senão pelos próprios opressores. E mais, estes são os que se utilizam dessa dependência para gerar mais dependência (FREIRE, 2015). Ele ainda ressalta a importância de uma “ação libertadora” que reconheça essa dependência dos oprimidos como “ponto vulnerável”, e que tente por meio da reflexão e ação, transformá-la em independência. Esta, porém, afirma o autor, não pode ser feita como uma doação por parte de uma certa liderança, “por mais bem-intencionada que ela seja”. Freire (2015) enfatiza que nós devemos lembrar que a “libertação” dos oprimidos é libertação dos homens ao invés de coisas. Em razão disto, se não podemos presumi-la como autolibertação – ninguém se liberta sozinho –, também não podemos pressupô-la como libertação de uns feita por outros.

Logo, o melhor caminho a se tomar para chegar a essa “libertação” não é aquilo que ele chama de “propaganda libertadora”, onde a suposta liderança fica a cargo de dirigir e convencer os oprimidos acerca da crença da liberdade, prevendo conquistar a sua confiança; tampouco no que ele denomina “educação bancária”, onde os educadores se julgam como os donos exclusivos do saber e do conhecimento, e fazem destes seus depósitos naqueles que nada julgam saber, isto é, nos educandos. O melhor caminho seria o diálogo verdadeiramente reflexivo e respeitoso, não hierárquico, conscientizador, “libertador”, que conduzisse à prática transformadora (FREIRE, 2015).

Contudo, conforme aponta Roso e Romanini (2014), Paulo Freire pouco utilizou o termo empoderamento ao longo de suas obras. Segundo os autores, apesar de considerar a importância do termo, o educador problematizava a ideia de empoderamento argumentando que o conceito havia sido cooptado pelo individualismo e pelas noções

individuais de progresso, no contexto da política neoliberal pregada pelos Estados Unidos. A partir desta ressalva, Freire distingue o empoderamento individual do empoderamento de classes. Desse modo, para o educador, o termo não é restrito a um invento individual ou psicológico, mas, sim, um processo político de busca por transformações da sociedade, no qual a educação é uma frente de luta. Assim, o empoderamento individual é apenas um pequeno passo; somente o empoderamento de classe é capaz de promover transformação social (ROSO e ROMANI, 2014).

Nesse sentido, conforme aponta Baquero (2012), para Freire, o empoderamento envolve um processo de conscientização que, por sua vez, é um processo de conhecimento que se dá na relação dialética homem-mundo, num ato de ação-reflexão que uma educação libertadora pode promover. Para desenvolver esse processo de conscientização torna-se necessária uma educação dialógica estabelecida dentro de uma pedagogia situada – que situa o processo de aprendizagem nas condições reais das pessoas (BAQUERO, 2012).

## **5. ANÁLISE**

### **5.1 Vivenciando o Arasempre**

Depois de uma longa estrada de terra, longe da capital mineira e da agitação própria dela, chegamos a Araçuaí. À primeira vista, um lugar quente, calmo e alegre. Logo na chegada, na rodoviária da cidade, surgem as primeiras pistas sobre a sua essência, a simplicidade de suas pessoas e de sua infraestrutura banhada por peças que retratam a rica cultura do Vale do Jequitinhonha.

Não é incomum encontrar casebres meio a quintais abertos ao lado de grandes sobrados protegidos por muros altos – provavelmente, fruto de uma pedra valiosa encontrada pelos que se colocaram na busca pela riqueza, os chamados pedristas. Ruas asfaltadas que dão em ruas de terra; ruas de terra que nos levam para as comunidades rurais. A vegetação seca, típica da região naquela época do ano, e o verde das plantações de quem insistiu e teve sorte enfeitam o semiárido araçuaiense. A pequena cidade exala



a tranquilidade mineira de quem sempre faz o convite para um café com biscoito de polvilho – o qual, aliás, nunca se deve fazer a *desfeita* de recusar – e a empolgação de quem quer curtir a animação noturna e aproveitar a parte mais fresca do dia sob um céu cheio de estrelas. No chamado centro novo, as iguarias da região saltam aos olhos nas modestas barracas e perfumam a feira a céu aberto dentro e fora do agitado mercado municipal. Em meio a tudo isso – e a muito mais que isso –, há a atuação de uma ONG que tem a ambição de aumentar os “pontos luminosos” da região e tornar Araçuaí uma cidade para todos e para sempre.

Chegar à sede do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, em Araçuaí, é como ser recebido na casa de uma família feliz, grande e hospitaleira. Na frente do sobrado que funciona o escritório, está a loja da Cooperativa Dedo de Gente – recheada de artesanatos, compotas de doces típicos e artigos de marcenaria, produzidos pelos projetos da ONG ou por moradores da região – e uma pequena exposição com belas e significantes obras de artesãos de Araçuaí e de outras cidades do Vale. Pela janela da pequena cozinha – que toda tarde ficava cheia de membros do CPCD conversando, enquanto tomávamos café feito na hora e comíamos um queijo genuinamente mineiro sem igual – avistava-se um grande pé de manga que, além do fruto, ofertava uma sombra fresca ideal para aquelas tardes quentes. Dali era possível ouvir o barulho das crianças brincando livremente.

A sede do projeto Ser Criança, *xodó* do Arasempre, fica no mesmo terreno do melhor colégio privado da cidade. É uma escola católica dirigida pela Ordem das Irmãs Franciscanas, que cedeu o espaço para o CPCD realizar seu trabalho, desde o começo, há mais de vinte anos. No entanto, os mesmos pais que escolheram pôr seus filhos em um colégio de princípios e moral cristã, aparentemente não exerceram tal fé no início da instalação do Ser Criança, já que ameaçaram tirar seus filhos do colégio caso as irmãs continuassem permitindo que as crianças do projeto ocupassem o espaço. Fora essa resistência inicial, a presença dos educandos do projeto e este em si já não causa mobilizações negativas – pelo menos abertamente.

Ao contrário do colégio, o espaço do Ser Criança é muito simples. É como uma grande casa de avó e bisavó cheia de netos e bisnetos brincando e correndo por todos os cantos, inclusive na cozinha, onde comidas típicas são preparadas em uma filosofia de cuidado e valorização pelos alimentos. Alguns educadores nos relataram que as crianças aprendem a comer alimentos que elas não comem em casa. Inúmeras vezes ouvimos tanto

os educadores como os próprios educandos dizerem aos alunos mais novos do projeto, e até mesmo a nós, “coma isto, vai fazer bem para sua pele; coma aquilo, vai limpar seu sangue etc.”, a fim de convencê-los. Os desenhos com traços e cores alegres nas paredes e muros, que tingem tanto o lado de fora como o de dentro, são feitos com tinta de terra, com o gosto e a essência das crianças.

Existe pouquíssimo mobiliário e tecnologia quase nenhuma – a não ser uns poucos computadores antigos. Mas há tudo o que é necessário para a realização do trabalho e o alcance dos objetivos específicos do projeto – desenvolvimento da autoestima, do protagonismo, da felicidade e do *empodimento* das crianças e jovens. Para quem vive nas grandes cidades, sob a lógica de felicidade a partir do consumo, surpreende que haja tanta alegria e plenitude em um lugar que se utiliza apenas do próprio convívio entre os seres humanos e de sua cultura popular para promover um ambiente feliz e cheio de afeto.

No grande salão de paredes coloridas e desenhadas acontece a roda. Sob tecidos coloridos, bonecas e palhaços de pano pendurados nas estruturas do telhado, crianças, jovens e adultos se divertem enquanto cantam cantigas aprendidas com as pessoas mais velhas da cidade, fazem brincadeiras que estimulam o afeto entre eles e colocam suas opiniões sempre valorizadas nas discussões. Impressiona a grandiosidade e riqueza dos aprendizados obtidos por todos em situações tão fora do tradicional.

Muitos dos educandos do Ser Criança, ao completarem 15 anos, vão participar do projeto Fabriquetas. Este também contempla os objetivos de autoestima, empoderamento, protagonismo e felicidade, mas acrescenta a preocupação com a geração de renda e perspectivas de atuação profissional para os jovens. Unindo essa preocupação aos pontos luminosos da cidade, foi possível criar e comercializar produtos que retratam as riquezas e belezas do Vale, além de ampliar as possibilidades na vida das pessoas. Em uma cidade onde o setor de serviços vem ganhando cada vez mais espaço, oferecer novas perspectivas que despertem mais sonhos e acendam mais pontos luminosos se faz fundamental; e isso é muito presente nas falas dos jovens que estão participando das Fabriquetas.

Nos espaços onde acontecem os trabalhos não há a supervisão de adultos ou a figura de chefes. Essa é outra situação que chama atenção, já que contradiz a ideia ainda existente em muitos contextos de que os adolescentes são indisciplinados, desinteressados e irresponsáveis. Sem a presença de supervisores hierarquicamente definidos, todas as atividades acontecem de maneira profissional e séria, porém, com a incorporação de um significado.

De cartões artesanais a software, os cooperados e estagiários da Dedo de Gente – cooperativa que comercializa as produções das Fabriquetas – conseguem colocar a cultura do local e suas identidades em tudo o que é produzido. Eles dão ainda mais valor ao seu trabalho por conta disso e a formação humana que o CPCD oferece, para além da formação técnica, contribui para essa conscientização. Por usarem a cultura local como matéria prima de seus trabalhos, os jovens das fabriquetas foram os que mais nos questionaram sobre a nossa visão sobre o Vale do Jequitinhonha. Eles se preocuparam em saber o que as pessoas das grandes cidades acham sobre esse lugar que sempre recebeu adjetivos cheios de estigma. Esses jovens sabem que um dos papéis de seus trabalhos é a construção de uma nova imagem da cidade e da região como um todo; eles querem ser reconhecidos pelas suas riquezas, pelo que têm de bom.

Nenhum dos jovens que conversamos mostrou interesse em sair de Araçuaí, eles estão aprendendo a construir suas vidas na cidade em que nasceram, rompendo com a imigração que acontecia principalmente para o interior do estado de São Paulo, para obtenção de renda através do corte de cana. Ensinar as pessoas que é possível viver bem em seus próprios lugares é mais um valor do CPCD. O Instituto de Permacultura do Vale do Jequitinhonha tem esse papel. Localizado em um grande sítio, que não podia ter outro nome a não ser Maravilha, o instituto funciona como laboratório de tecnologias alternativas, que são experimentadas e passadas aos moradores das comunidades rurais, principalmente. O Sítio Maravilha, às margens do grande rio Jequitinhonha, é uma extensa área verde de 12 hectares em meio ao mato seco a sua volta; lá são cultivadas árvores nativas, com objetivo de proteger e preservar o rio, árvores frutíferas e uma infinidade de legumes e verduras, que abastecem os projetos do CPCD. Mas, para quem percorre as estradas estreitas de terra, cercadas por uma vegetação que há muito espera por água, o Sítio Maravilha é um verdadeiro motivo de esperança.

Jovens, adultos e idosos participam das oficinas que têm como objetivo mostrar para os moradores da zona rural que é possível viver melhor e ter aquelas maravilhas também em seus quintais. A partir das técnicas de permacultura, as pessoas aprendem a conviver com o clima da região, com a escassez de água, com o solo que se tornou infértil. O que mais impressiona é o brilho nos olhos de quem aprende uma técnica simples e sem custo e consegue melhorar a sua qualidade de vida, como, por exemplo, deixar de praticar queimadas para preparação do solo das roças, ou o rodízio de cultivo, ou a plantação em horta mandala. Quem participa dessas oficinas, além da formação técnica também

participa de uma formação humana que, assim como nos outros projetos, pretende despertar a autoestima, o protagonismo, a felicidade e o empoderamento das pessoas. Assim como expressou uma das moradoras da zona rural, “o Arasempre não ensina só a mexer na terra, ele ensina a gente a ser gente, a saber falar com as outras pessoas”.

Os quintais dos moradores das comunidades rurais são a prova de que é possível levar um pouco do Sítio Maravilha para suas casas. As técnicas funcionam e as maravilhas do sítio deixam de ser sonho para tornarem-se realidade. O sorriso orgulhoso de quem abre os portões de casa para mostrar como está dando certo é do tamanho da autoestima de ter conseguido aprender e melhorado a si próprio, inclusive. A felicidade e a esperança impulsionam o engajamento dessas pessoas que aceitam o papel de agentes comunitários multiplicadores, que como o próprio nome diz, levam as técnicas e aprendizados para as demais famílias de suas comunidades.

O empenho, dedicação e engajamento dos membros do CPCD são tão grandes quanto todos os projetos e ações – que, de tantas, não caberiam aqui. Sem hierarquia rígida, quem escreve um relatório no escritório também põe a mão na terra na prática das oficinas; quem é educador também limpa o chão; e quem cozinha também ensina. E mais, o comportamento e as atitudes não são alterados depois do horário do expediente ou a partir das “paredes” dos projetos. É uma continuidade, um estilo de vida, que permite que a filosofia e ideologia do CPCD se espalhem pela cidade.

Depois de conhecer e vivenciar as ações do CPCD e a cidade de Araçuaí, fica claro que os projetos Arasempre não são ilhas isoladas. Em cada canto da cidade, na zona urbana ou rural, é possível ver mudanças que com certeza têm o dedo de gente que acredita em uma Araçuaí melhor, para todos e para sempre.

## **5.2 O CPCD em Araçuaí**

Araçuaí, assim como diz Soares (2000) sobre o Vale do Jequitinhonha, é habitado por um povo cuja identidade tem como traço fundamental e marcante a arte. “A herança indígena e africana forma aí essa enorme teia de costumes, de jeito de ser, falar, sentir e agir no Jequitinhonha” (SOARES, 2000, p.18). Depois de onze horas de rodovia e estrada de terra, partindo de Belo Horizonte, está a cidade pronta para nos receber com toda a receptividade e hospitalidade do interior de Minas Gerais.

Nas palavras de Frei Chico van der Poel, pesquisador de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha e membro do Instituto Histórico Geográfico de Minas Gerais, Araçuaí é uma cidade injustiçada onde se reflete a lógica da desigualdade, assim como na maioria dos municípios brasileiros. Frei Chico conta que quando chegou em Araçuaí, no início da década de 1970, o Vale do Jequitinhonha era o terceiro lugar mais pobre do mundo, segundo levantamentos da Unesco. Os termos que estigmatizaram a região eram usados por jornalistas que reforçavam a ideia de vale da miséria, vale das lágrimas, vale da tristeza. “O que havia de bom aqui não era valorizado”, conta o frei holandês da ordem dos franciscanos. Segundo ele, o Vale do Jequitinhonha, umas das regiões mais ricas em minérios no país, não era pobre, mas, sim, explorado.

Assim como em grande parte do Brasil, Araçuaí tinha uma forte presença do coronelismo e, entre outros desdobramentos, isso tornava a pobreza e o estigma algo conveniente para a política da região, conta o frei. Segundo Maria do Carmo Ferreira da Silva, Cacá, prefeita da cidade entre 1997 e 2004, a imagem negativa sobre o Vale do Jequitinhonha faz parte de interesses políticos que sempre quiseram desempoderar as pessoas e se apropriar das riquezas da região.

O desafio de enfrentar a mentalidade atrasada, nos aspectos social e político, foi maior do que os próprios desafios administrativos da gestão. Cacá conta que os serviços públicos de Araçuaí eram muito precários, mas não por falta de recursos e, sim, pela falta de interesse e pela ideia que “não precisa fazer coisa boa para pobre; qualquer coisa está bom”. Ao mesmo tempo em que buscava melhorar a qualidade dos serviços, Cacá vivia uma situação que demonstrava a fragilidade das instituições democráticas e a mentalidade coronelística da região.

Ameaçada de morte por seus adversários políticos, via telefonemas e cartas anônimas, e depois de escapar de emboscadas e de tentativas de invasão em sua própria casa, Cacá precisou de seguranças particulares. A ex-prefeita acredita que isso se deve ao programa de governo que ela se propôs a cumprir, que desagradava e ia contra a mentalidade de privilégios e desigualdades da região. Com um metro e meio de altura, negra e mulher, Cacá conta que não foi fácil enfrentar os “preconceitos da elite”. “Não queriam me deixar tomar posse. Eles falavam que se eu tomasse posse era porque não tinha homem na cidade. Eles não me deram a chave da prefeitura, tivemos que chamar um chaveiro. Teve fazendeiro que deu chilique: ‘aquela negrinha não toma posse, só se for por cima do meu cadáver; lugar de negro é na senzala’.”

Eliane Luiz de Almeida, diretora educacional do CPCD, conta que “Cacá conquistou uma representação não só de Araçuaí, mas de todo o Vale de modo geral. As pessoas sabem que ela representa direitos humanos, direitos da mulher, dos quilombolas, dos indígenas. Além do grande poder de mobilização que a Cacá tem”. Eliane conta uma história que ilustra a identificação do povo com a então prefeita: “quando o Lula [o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva] veio aqui na cidade inaugurar o Instituto Federal, ele foi muito aplaudido. Mas quando ele chamou a Cacá para subir no palanque e ela subiu, o povo aplaudiu muito mais, quase enlouqueceram de emoção, as pessoas ali se sentiram representadas. E detalhe: ela já não era prefeita de Araçuaí”.

De fato, ao conversar com diversos moradores da cidade, todos elogiam e sentem falta de uma gestão como a de Cacá. “Se ela se candidatasse, votaria nela de novo”, falam. No entanto, não conversamos com a ex-prefeita apenas pela sua história e impacto que trouxe à cidade. Cacá é uma figura central para começarmos a entender como o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) chegou em Araçuaí.

Logo no início de sua gestão, Cacá convidou Tião Rocha – que havia sido seu professor –, para ser secretário da Educação de Araçuaí. Tião aceitou com uma ressalva: não seria ele, enquanto pessoa física, o secretário, mas, sim, o CPCD. “Eu já conhecia a experiência do Tião, e depois que conheci os outros atores do projeto, não tive dúvidas. A gente [equipe de sua gestão] queria uma educação que fosse transformadora, não repetir aquilo que acontece e que a gente já sabia que não dava certo, que não havia mudança significativa na qualidade de vida das pessoas, principalmente no quesito cidadania”, conta Cacá. “Para ser gestor público, muitas vezes, você não precisa tanto de dinheiro. O dinheiro é essencial, necessário para movimentar o que precisa ser movimentado, mas ele [o gestor] precisa ter criatividade, precisa ter ousadia, precisa acreditar em algo diferente, inovador. E foi assim!”

Ana Paula Silva, coordenadora do projeto Ser Criança do CPCD, conta que as ações desenvolvidas por Tião Rocha nas escolas do município tinham como base as mesmas pedagogias e metodologias que são presentes nos projetos atuais. As escolas se tornaram um local aberto para as comunidades, que tiveram seus saberes valorizados. As mães e os pais das crianças, mesmo sendo analfabetos, sabiam fazer coisas que Tião acreditou ser importante para o processo de aprendizagem. “Até hoje é assim”, conta Paula, “o CPCD usa o que a comunidade tem de bom, a sua cultura, seus saberes e querereres para formar as crianças”. Para Frei Chico, que também conhece Tião Rocha e

admira o trabalho do CPCD, a cultura tem tudo a ver com autoestima e empoderamento. “Cultura é a identidade. A cultura coerente com a realidade das pessoas é a base para o desenvolvimento e progresso de uma região, é a base da beleza de seu povo, da criatividade, do progresso político, de consciência de ser cidadão”.

Depois que os dois mandatos de Cacá foram cumpridos, a prefeitura rompeu com o CPCD – mesmo o candidato eleito sendo do mesmo partido de Cacá, o PT. Mas, depois de oito anos de atuação, as comunidades chegaram num nível de aprovação e engajamento que não queriam perder o que tinham conquistado; da mesma forma, os membros do CPCD já estavam envolvidos com a população e com a causa de transformar Araçuai. A partir daí, com esforços próprios, as ações continuaram e perduram até hoje, inclusive, com a ampliação de projetos que formaram a plataforma Arasempre.

A atuação do CPCD é reconhecida pela população e pelo poder público da cidade, sobretudo, diante dos desafios que Araçuai enfrenta. Segundo Bruna de Sousa Otoni, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Sustentável, a maior dificuldade enfrentada no município é a seca e, apesar dos esforços para oferecer água para o consumo humano, existem dificuldades de atender toda a demanda. Hoje, o principal objetivo da secretaria é manter as pessoas na zona rural, evitando um crescimento ainda maior e mais desordenado da zona urbana. Nesse sentido, Bruna diz que o trabalho do CPCD é de suma importância para a cidade e, por isso mesmo, sempre que há oportunidade são feitas parcerias entre a Secretaria e a ONG. “A administração pública não anda sozinha”, conta Bruna, “nosso maior desafio é o financeiro, então a ajuda do CPCD é importante porque suas ações alcançam objetivos que a Secretaria ainda não consegue alcançar”.

Segundo Marcos Ramos Figueiredo, engenheiro agrônomo da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Sustentável, o trabalho do CPCD contribui muito para o desenvolvimento da cidade e por isso é tão reconhecido pelo setor público. “O CPCD tem feito, por exemplo, uma atuação muito importante junto aos moradores das comunidades rurais como uma forma deles se tornarem agentes de ramificação desses conhecimentos, passando os conhecimentos sobre adaptação climatológica e práticas sustentáveis. Esse trabalho contribui para romper com as barreiras psicológicas, com as mentalidades de resistência a novas práticas, conseguindo que as pessoas deixem de ter práticas que prejudicam a ela própria e ao meio ambiente. Esse nível de conscientização que o CPCD consegue conquistar é muito importante, mas a Secretaria não tem recursos para atingir”. Marcos dá ainda um exemplo prático que demonstra os impactos da atuação do CPCD:

“com certeza, se as nascentes tivessem sendo cuidadas há mais tempo, com as práticas desenvolvidas pelo CPCD, a escassez de água na região seria um problema menor”.

Da mesma forma, Viviane Patrícia Tito, secretária de Educação de Araçuaí, enxerga o CPCD como bons parceiros, tendo em vista a importância do trabalho realizado. Segundo Viviane, os principais desafios que a cidade enfrenta no campo da Educação deve-se ao fato de que os resultados no ensino dependem de outros aspectos como os socioeconômicos, que ainda são muito problemáticos em Araçuaí. Para ela, a principal contribuição do CPCD é mostrar uma concepção de educação diferente, que consegue atrair o interesse das crianças e jovens, dando sentido para suas vidas. Além disso, “o CPCD consegue fazer com que o conhecimento adquirido seja aplicado na vida das pessoas, realizando transformações reais”. Viviane conta que por essa razão, quanto secretária, ela faz as parcerias com a ONG, numa tentativa de aproximar os profissionais da educação municipal ao CPCD, para a troca de conhecimentos e aprendizados necessários para a prática de ensino. “Se a ONG realiza um trabalho importante e que dão bons frutos, é importante aproveitar essa relação de parceria que só tem a contribuir com a cidade”.

### **5.3 Pedagogias e metodologias do CPCD: motivando o empoderamento**

Para atingir os objetivos desejados, o CPCD atua com pedagogias e metodologias próprias, que são aplicadas em todos os projetos que compõem o Arasempre, independente de qual é o público alvo de cada ação. Segundo os educadores do CPCD, isso é possível porque as metodologias e as pedagogias utilizadas são baseadas em ideologias e valores universais, que se aplicam tanto para crianças quanto para idosos, e são importantes desde a confecção de uma boneca de pano até o cercamento e reflorestamento de nascentes.

Chama a atenção o fato de que, apesar de terem essas metodologias muito bem estruturados e definidos, no cotidiano dos projetos não há uma separação ou antecipação de método e prática. Todas as metodologias e pedagogias são vivenciadas pelos atores do CPCD. Formaram, na verdade, o modo *de ser* do CPCD e não o seu modo *de fazer*. Um modo que coloca a essência e o potencial humano como foco de todas as ações e que



acredita no poder das relações humanas para a transformação, no caso do Arasempre, do município de Araçuaí e da vida de seus habitantes.

Vale destacar que, no CPCD, parafraseando Paulo Freire, ninguém empodera ninguém, ninguém se empodera sozinho: os educadores e educandos se empoderam em comunhão. Ou seja – abusando das paráfrases, permitamo-nos a isso –, Tião Rocha diria que lá “o empoderamento só acontece no plural”, num processo de diálogo crítico e libertador e, por causa disto mesmo, presume a ação (FREIRE, 2015). Para isto, todavia, Freire (2015) salienta que precisamos acreditar nas pessoas “oprimidas”, enxergando-as como capazes de refletir e agir acerca da sua posição no mundo e com ele. Este pensamento vai ao encontro de todos os discursos objetivos e subjetivos que envolvem as ações do CPCD, onde os educadores comunicam-se com os educandos, num *multiálogo* – onde o principal papel do educador é mais voltado em orientar e conduzir, no sentido mais horizontal destas palavras –, regidos por um espírito de crença genuína no potencial de cada um, sejam crianças, jovens, adultos ou idosos; daí que surge, junto à esses discursos, seja no contato direto das atividades com os atendidos ou mesmo na elaboração de algum projeto – sempre seguindo a pedagogia da roda, claro – a expressão imperativa de Tião Rocha que norteia todos os trabalhos CPCD: “nóis pode!”. Em relação à gramática da expressão, Tião alerta que é a compreensão clara e imediata da semântica é o que importa; entendido a ‘força’ que ela propaga, “a concordância fica para depois”.

Segundo Eliane Luiz de Almeida, diretora educacional do CPCD, as pedagogias são aplicadas à educação em sua forma prazerosa, libertadora e transformadora. “O CPCD é uma instituição de educação, de aprendizagem, onde todos aprendem e desse aprendizado surgem os projetos, onde é possível experimentar, testar, avaliar aprendizados, sempre conjugando o verbo *paulofreirar* – eu *paulofreiro*, tu *paulofreiras*, nós *paulofreiramos*”, conta Eliane. Além disso, as principais correspondem aos quatro pilares apontados pela UNESCO como diretrizes globais para a educação no século XXI: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a aprender e aprender a fazer.

A Pedagogia do Abraço: promove o “aprender a ser” através do acolhimento e da promoção da autoestima nas pessoas. Os educadores brincam com as crianças e jovens, “trocando” abraços por sinais de cuidado consigo mesmas e com os amigos. Esse escambo promove um ambiente acolhedor, de afetividade e fortalecimento de grupos. Segundo os membros do CPCD, a sua aplicação dentro dos projetos educacionais, possibilita a melhoria da comunicação e a inclusão social, estimula a participação, a

formação da identidade, o fortalecimento da autoestima, a integração da equipe, a idealização de espaço solidário, a relação de iguais entre pessoas diferentes.

A Pedagogia da Roda: promove o “aprender a conviver” através da prática diária do diálogo. A roda é a base educacional e organizacional de todos os projetos do CPCD. É nela que os participantes debatem aprendizagens e rumos dos projetos, pensam solução de problemas e conflitos, avaliam o andamento do trabalho, etc. O diferencial dessa metodologia é a abordagem horizontal – ou circular, como explica Tião Rocha (2006), numa roda, não há centro, não há hierarquia, todos têm voz e vez para se expressar. Nesse exercício, crianças, jovens, mães, educadores, gestores, todos praticam o saber escutar a si e ao outro e expressar suas opiniões. A roda foi a maneira encontrada pelo CPCD para praticar Paulo Freire (ROCHA, 2006)

A Pedagogia do Brinquedo: é a base do “aprender a aprender”. Trata-se do desenvolvimento de jogos educativos aplicados a variadas situações – desde desafios escolares até de convivência – que promovem o raciocínio lógico, o uso da linguagem, a compreensão e criação de regras, a capacidade de sistematização. Crianças, jovens, educadores, todos se envolvem no processo de desenvolvimento e avaliação dos jogos. Tião Rocha diz que aprender e ensinar brincando traz em si toda a riqueza de possibilidades de relacionamento e companheirismo, socialização e troca de experiências, conhecimento do outro e respeito às diferenças, desejos e visões de mundo. Isso tudo são elementos essenciais para construção de uma relação plural entre educadores-educandos, condição básica para existência de uma prática educativa de qualidade.

A Pedagogia do Sabão: promove o “aprender a fazer” e fundamenta-se na valorização dos saberes tradicionais, nas receitas da roça, nos costumes antigos que se baseavam na economicidade de recursos e no aproveitamento de resíduos e das matérias-primas disponíveis na natureza. Busca-se fomentar inovações baseadas na cultura e nas necessidades locais, em um processo em que a comunidade aprende a fazer e descobrir suas possibilidades. Assim, utiliza os saberes e fazeres culturais dos participantes como matéria-prima de ações pedagógicas, trabalhando com soluções e alternativas que integram satisfação econômica, valores humanos e culturais, compromisso ambiental e empoderamento comunitário.

A Pedagogia do Copo Cheio: é o modo de olhar o lugar não por suas carências, mas principalmente pela identificação do seu IPDH (Índice Potencial de

Desenvolvimento Humano) para construir um novo paradigma. Investe-se e potencializa-se nos “pontos luminosos” da cidade, tornando-os a base dos projetos educacionais e comunitários implantados.

Depois de conhecer as pedagogias e observá-las na prática cotidiana de todos os projetos, é possível identificar seus reflexos. Primeiramente, o ambiente de cooperação, afetividade e igualdade é marcante em vários aspectos dos projetos, algo difícil de se imaginar quando é pensada a lógica de mercado e competitividade entre pessoas, tão presentes nas grandes cidades por exemplo. Segundo o educador Yuri Hunas Miranda, que também já foi educando nos projetos, a afetividade é o grande diferencial das ações do CPCD; isso contribui para que a pessoa, seja criança, jovem ou adulto, tenha um sentimento de pertencimento, que é fundamental para a autoestima e para dar um sentido na vida.

A construção em conjunto é outro aspecto muito presente. Seja na construção de algo material ou imaterial, a participação de educadores, educandos, gestores dos projetos, familiares e comunidade é igualmente importante, tornando o ambiente horizontal. Quando os brinquedos são produzidos ou quando uma obra de melhoria é realizada, seja na cidade ou nos espaços em que ocorrem os próprios projetos, existe um esforço para que a maior quantidade de atores se envolva no que está sendo feito para que o resultado seja algo coletivo. Um outro exemplo, como conta a educadora Jane Souza, é o fato de que as próprias crianças participam da formulação das regras e “combinados” – acordos – do projeto; “nada é decidido por imposição, uma regra é construída com base numa reflexão sobre o motivo daquilo. Passa a ser algo que tem um significado porque teve a interiorização dos valores a partir da discussão no grupo”.

O protagonismo e autoestima das pessoas envolvidas nos projetos também podem ser fortemente observados. Desde as crianças até as pessoas idosas, todos os participantes se sentem confortáveis em exporem seus pontos de vista e contribuir com os processos de aprendizado e de decisão. Nem um saber é diminuído perante outro, e isso dá segurança para que qualquer assunto seja tratado no grupo. Nas dinâmicas dos projetos, há espaço para que iniciativas de educandos sejam cultivadas, para que ideias sejam discutidas e colocadas em prática. Um exemplo disso é a Fábrica de Árvores, que partiu da ideia das crianças do projeto durante uma discussão sobre como proteger o rio Jequitinhonha, que vem sofrendo gravemente com a seca e a diminuição de sua capacidade. A proposta colocada por uma criança foi discutida com educadores e educandos, que consideraram

possível a realização de uma fábrica de mudas para o reflorestamento das margens do rio, contando ainda com a colaboração das comunidades.

Ao conversar com os diversos atores que participam direta ou indiretamente das ações do CPCD, surgiu um discurso comum entre eles. Todos contavam sobre a mudança de mentalidade que vivenciaram depois de fazer parte do projeto. “Minha cabeça mudou”, “mudei minha opinião sobre isso”, “passei a enxergar as coisas de um jeito diferente”. São frases muito presentes nas falas das pessoas. Eliane conta que os principais desafios de atuação do CPCD são as mentalidades resistentes a mudanças. “Fazer as pessoas acreditarem que elas podem, que são capazes, que pode ser diferente, que é possível melhorar, que é possível mudar, é o nosso maior desafio, mas ao mesmo tempo, essa é a principal conquista do CPCD”.

Além das pedagogias, um grande diferencial do CPCD são suas metodologias desenvolvidas. Durante a experiência de campo, duas delas se sobressaíram: o MDI – Maneiras Diferentes e Inovadoras de... – e o IQP – Indicadores de Qualidade de Projetos Sociais.

O MDI é uma metodologia que busca exercitar a criatividade e a riqueza da criação em conjunto para resolver problemas. Como explica Ana Paula Silva, coordenadora do projeto Ser Criança, o MDI tem como base a provocação, o estímulo e o fazer pensar “fora da caixa”, longe dos modelos já prontos e das soluções pré-estabelecidas, tornando mais fácil encontrar caminhos novos para velhos e permanentes problemas. Pergunta-se “de quantas maneiras diferentes e inovadoras eu posso alfabetizar uma criança, ou fortalecer uma comunidade em prol de um projeto, ou diminuir o lixo na cidade. De acordo com a capacidade de realização, cada ideia vai sendo colocada em uma lista por ordem de prioridade. Quando a lista está pronta, nós vamos testando e experimentando uma por uma das ideias, até encontrar uma que consiga solucionar o problema inicial proposto”, conta Paula.

Segundo Eliane, essa metodologia estimula que os educadores proponham, sem censura, soluções para os problemas, “numa tempestade de ideias que pode conter muita coisa boa. Tem problemas que você não precisa ficar esperando a solução vir de outra pessoa ou de uma outra área de governabilidade, por exemplo. Essa é a ideia, provocar que as pessoas não fiquem esperando soluções, mas que elas as criem; sempre perguntando ‘de quantas maneiras diferentes e inovadoras eu posso, nós podemos?’ ”

Já o IQP é uma metodologia de avaliação que consegue medir os objetivos intangíveis do CPCD. Na explicação de Tião Rocha, “se entre os objetivos específicos de nossos projetos apareciam “desenvolvimento de autoestima”, “socialização”, “aprendizagem lúdica”, “alegria”, “prazer, etc; como podíamos medir (mensurar ou aferir) concretamente o alcance (ou não) destes objetivos? ” Assim, reuniu-se 12 indicadores: apropriação, coerência, cooperação, criatividade, dinamismo, eficiência, estética, felicidade, harmonia, oportunidade, protagonismo e transformação. Para cada um desses indicadores, formulou-se perguntas diferentes para cada grupo que responde – educadores, educandos, famílias, etc.

Os 12 indicadores que compõem o IQP não são apenas critérios de avaliação desconexos da prática. Depois de conviver nos projetos do CPCD, foi possível perceber que os indicadores são, na verdade, valores que a organização prega e busca. A partir das pedagogias que dão base para as ações desenvolvidas, é possível perceber como todos esses índices citados norteiam as práticas dos projetos.

#### **5.4 O empodimento na prática**

Assim como Villacorta e Rodríguez (2002) apontam, o processo de empoderamento é ao mesmo tempo interno e externo; é induzido, ou seja, não ocorre naturalmente; ele é intencionalmente impulsionado e socialmente construído. Depois de conhecer e vivenciar a experiência do CPCD, em Araçuaí, essa é uma das principais observações que se pode fazer. De fato, o empoderamento que a ONG tanto busca é motivado por um processo interno que envolve a construção de uma autoestima e autopercepção, além de um processo externo de agir sobre o meio a sua volta. Ambos os processos são impulsionados intencionalmente a partir das ações desenvolvidas pelo CPCD com a população. Como diz Tião Rocha, o *empodimento* “é algo construído dia a dia com muita conversa de roda, muito aprendizado e uma estratégia de trabalho”.

E nessa estratégia inclui-se o resgate e valorização da cultura, colocar as pessoas participando das decisões e criando suas próprias melhorias. Segundo os meninos da Serralheria, produzir peças a partir de uma técnica que eles aprenderam para exaltar a beleza do lugar em que vivem é duplamente prazeroso. “Antes eu não via as coisas boas que a gente tem aqui, não conhecia a nossa história nem a nossa cultura. Hoje eu enxergo

a cidade de uma outra maneira e sei que eu posso ajudar a tornar as coisas melhores por aqui”, conta um dos cooperados. “O que eu mais gosto daqui [Fabriqueta de Serralheria] é a gente ser livre para usar nossa criatividade na hora de produzir. Quando eu tenho uma ideia, coloco em prática e vejo o resultado final, fico muito feliz de saber que saiu da minha cabeça”, conta um dos aprendizes da cooperativa. Outro ponto que os meninos levantam é o fato de estarem fazendo algo que gostam. “Com a Dedo de Gente eu consigo ter o meu salário e ser feliz com o que faço. Se eu não estivesse aqui, provavelmente estaria trabalhando em qualquer outra coisa só para sobreviver. Aqui eu tenho alegria”.

Como explica Eliane, a Dedo de Gente é uma ação do CPCD que foca em um dos pilares de uma cidade sustentável: a satisfação econômica. O CPCD acredita que uma cidade sustentável precisa ter, ainda, mais três pilares: compromisso ambiental e respeito ao planeta; valores humanos e culturais; e empoderamento local. Nesse sentido, assim como colocam Villacorta e Rodríguez (2002), o empoderamento está vinculado fundamentalmente ao estímulo de um desenvolvimento sustentável, que tem como propósito não apenas a geração de riqueza, mas também de bem-estar para as presentes e futuras gerações – como é o objetivo do Arasempre.

O pilar dos valores humanos e culturais foi percebido como o central. Todas as ações do CPCD utilizam a cultura das pessoas como matéria prima da educação, resgatando e potencializando aquilo que as comunidades têm de bom. Além disso, com as fortes inspirações da Carta da Terra, os valores humanos são sempre trabalhados e discutidos em todos os projetos. Segundo Paula, isso é importante porque “faz o indivíduo entender e aceitar a sua própria identidade, o papel que possui no mundo em que ele vive e, assim, sair por aí para realizar as transformações que precisamos”. Gallichio (2002) afirma que a identidade é a condição chave para o empoderamento. A identidade em sujeitos coletivos implica ter algo que se compartilhe com os que estão dentro e que nos diferencie dos que estão fora, numa relação de continuidade e ruptura (GALLICHIO, 2002).

De fato, a valorização da cultura por parte do próprio indivíduo, incentivada nas práticas sociais e pedagógicas promovidas pelo CPCD, apresentou-se como um aspecto muito importante para a formação da autoestima e de pertencimento à cidade. Segundo Aline Reis, que trabalha na Fabriqueta de Tinta de Terra, depois de conhecer a cultura do local, a visão que teve sobre Araçuaí mudou completamente. “Hoje eu reconheço como

Araçuaí pode, sim, ser um ótimo lugar para se viver. A gente pode fazer muita coisa para melhorar a cidade, para melhorar a nossa vida aqui”.

Nesse sentido, de acordo com Villacorta e Rodríguez (2002), um dos principais mecanismos criados para justificar a exclusão social é a argumentação ideológica baseada em preconceitos que subestimam o valor dos setores pobres e excluídos. Contudo, segundo os autores, para que o sistema de exclusão funcione, é necessário que os setores desempoderados assumam estes preconceitos que paradoxalmente os desfavorecem. Ou seja, eles devem se identificar com tais argumentos. Por isso, para Villacorta e Rodríguez (2002), as estratégias de empoderamento devem contribuir para mudar esses valores nos setores desempoderados, e para transformar os valores predominantes na sociedade.

Como podemos perceber durante as conversas com as pessoas envolvidas nos projetos, houve uma mudança de postura que consistia em não aceitar os estigmas que eram impostos para o Vale do Jequitinhonha. O que é comum entre as pessoas é o relato de como mudaram sua opinião sobre si próprios e sobre Araçuaí a partir do momento em que “o lado cheio do copo” começou a ser exposto. A partir de então, mudou-se também o modo de agir diante das questões que envolvem a cidade. Nas palavras de Tião Rocha, “no sertão, chamamos isso de ‘*empodimento*’. É como se as pessoas falassem ‘quer dizer que *nóis* pode? Não sabia que *nóis* podia’. Esse é o momento em que elas descobrem sua potência e seu poder; é o ponto fundamental da transformação de uma comunidade, porque reflete uma transformação de postura ética”.

Ao conversar com as pessoas da cidade sobre os serviços públicos e com os representantes da prefeitura – Secretaria de Educação e Secretaria de Desenvolvimento Econômico Sustentável – sobre o que eles consideram desafios da gestão pública, ficou evidente que a população tem um papel crucial não apenas no processo político de eleição e cobrança, mas também no processo conjunto de pensar alternativas para esses problemas que o Estado não está respondendo. No caso da saúde, por exemplo, o CPCD trabalha muito com a ideia de saúde preventiva utilizando saberes regionais – muitas vezes ignorados pela medicina tradicional – como, por exemplo, o preparo de medicamentos naturais a partir de raízes e ervas que fortalecem o sistema imunológico. Não é possível afirmar que tal prática contribua diretamente com o sistema de saúde pública na cidade, mas a ideia é trazer as pessoas para o centro da discussão acerca do problema, fazendo-as se sentirem capazes de agir para melhorar a situação.

“Quando o cidadão diz ‘*nóis pode*’ e assume o controle, há um rompimento com a lógica de divisão em três setores. Para tudo nós dizemos “isso é do governo, isso é do mercado e isso é da sociedade”, diz Tião Rocha. “O *empodimento* aloca os indivíduos como produtores de políticas públicas não governamentais”. Para ele, a importância do empoderamento é justamente essa: tornar as pessoas capazes de pensar e agir sobre os problemas enfrentados no cotidiano das comunidades, e mais, reconhecerem-se como capazes de realizar transformações.

Longe do empoderamento individual, as ações do CPCD caminham para gerar o que mais se assemelha ao empoderamento de classe defendido por Paulo Freire (ROSO e ROMANI, 2014). Esse foi um dos principais pontos observados durante a experiência, a forma como toda a equipe trabalha com um objetivo claro, comungando dos mesmos valores. Como Eliane explica, o CPCD tem a preocupação de transformar “um bando de gente, disforme e sem identidade, em um grupo; e transformar esse grupo em uma equipe, uma equipe que se articula como em um time, um time que vai jogar o jogo da transformação social”. Alguns resultados desse jogo já podem ser observados em Araçuaí, a partir de diversas práticas.

Uma delas é a feira das comunidades rurais. Com as práticas da permacultura, os moradores das comunidades rurais estão conseguindo produzir com qualidade mesmo em condições climáticas não favoráveis. As técnicas que auxiliam na fertilização natural dos solos e no melhor aproveitamento da água permitem a produção de quantidade suficiente para vender. Os moradores plantam em seus quintais, reúnem suas produções e vão comercializar na zona urbana da cidade, tanto no mercado municipal, quanto no espaço cedido pelo CPCD para comercialização. O fato dos alimentos serem produzidos sem agrotóxicos – um dos princípios fundamentais da agricultura – é usado para agregar valor ao trabalho dos agricultores, conseguindo conquistar uma clientela fiel. Os produtores rurais percebem que não precisam sair da zona rural, conseguem obter renda através de seu trabalho no campo com a preservação de suas tradições positivas.

Um movimento muito presente, também a partir das técnicas de permacultura, é a plantação nos quintais das zonas rural e urbana para consumo próprio. Com isso, as pessoas plantam alimentos que aprenderam a consumir para uma alimentação mais saudável e, além disso, conseguem economizar a renda familiar – algo muito importante para quem já vive com tão pouco dinheiro –, pois muitos legumes, verduras e frutas não são comprados no mercado.



As ações nas escolas públicas também estão trazendo melhorias. Todos os educadores do CPCD citam o comportamento de seus educandos nos espaços sociais, como as escolas, por exemplo. “As crianças do projeto são as mais questionadoras da escola, porque elas não aceitam o que é imposto sem questionar o porquê. As crianças do projeto são muito ativas nas escolas, por exemplo, eles estão na frente da organização de festas, de eventos, de ações na cidade ou na própria escola, ensinado o que aprendem aqui, querem participar de tudo”, conta a educadora Jane. Conversando com as crianças, elas nos contam o que já conseguiram realizar; de modo geral, são práticas que tornam a escola mais interessante e o processo educativo mais efetivo – jogos e brincadeiras criados no CPCD que ensinam português e matemática de forma lúdica e divertida, por exemplo, e a realização de mutirões de melhoria na infraestrutura da escola.

Muitas ações ambientais na cidade estão partindo dos envolvidos nos projetos do CPCD. Seja na arborização de ruas, mutirões para limpeza de vias públicas, reciclagem e redução de resíduos sólidos. Importante destacar que tais ações não são promovidas ou previstas pelo CPCD; são ideias que surgem a partir da percepção dos problemas e do empoderamento das pessoas. Como exemplo disso, podemos citar a ideia da Fábrica de Árvores para o reflorestamento das margens do rio Jequitinhonha. A proteção de nascentes também é uma técnica da qual a população se apropriou para melhorar e preservar o meio ambiente e a qualidade de vida das pessoas.

A transformação da unidade familiar é outro aspecto observado. As crianças e jovens contam como conseguiram melhorar a convivência e a relação com a família, o que impacta diretamente na qualidade de vidas delas. “Muitos pais relatam sobre as mudanças percebidas na criança, sobre ela estar mais participativa em casa, menos desinibida, levando as práticas aprendidas para casa, como no caso de fazer a roda com a família”, diz Jane. Não é incomum encontrar no projeto crianças e jovens que estão inseridos uma realidade familiar complexa e vulnerável, não apenas no sentido socioeconômico, mas também, e talvez principalmente, nos aspectos socioemocionais. Por isso é tão importante desenvolver a afetividade e autoestima dos educandos dos projetos do CPCD. “Um dos maiores objetivos que a gente procura atingir é a questão do respeito, da afetividade, para que as crianças consigam trabalhar isso em casa, mudando o contexto em que elas vivem. Se a criança chega em casa mais amável, mais carinhosa, ela tem uma grande chance de sensibilizar também os pais”, explica a educadora.

A ampliação de expectativas das pessoas também chama atenção. Segundo a educadora Juliana, um dos maiores impactos observados por ela nas crianças e jovens é o fato deles se permitirem sonhar para além da realidade que conhecem, “quando eu encontro jovens que já foram dos projetos, eles me contam como foi importante ter passado pelo CPCD; os projetos abriram a cabeça deles para novas ideias e possibilidades”. Na opinião do educador Yuri, “um dos principais impactos do CPCD é ajudar seus educandos a se descobrirem; mostrar vários caminhos para que eles possam se encontrar em algum, naquele que mais se identificam e se realizam”.

Yuri, por exemplo, foi aluno do Ser Criança. O CPCD lhe ajudou a encontrar seus próprios caminhos – a música e a vida de educador. Com empoderamento tal, cultivado desde criança, nas últimas eleições Yuri se candidatou a vereador da cidade. Não foi eleito, mas trouxe para o debate público pautas importantíssimas para a cidade a partir dos valores que aprendeu no CPCD.

Para Eliane, de modo geral, alguns impactos das ações de empoderamento é “a formação de um time muito forte, que acredita na causa do Arasempre; várias pessoas que já passaram pelo CPCD e levam as ideologias e práticas do para suas vivências, que acreditam mais em si, que continuam realizando as práticas mesmo não estando em contato constante com o CPCD; pessoas que propõem as coisas e se voluntariam para realizar; apropriação por parte das pessoas das metodologias do CPCD; valorização do potencial local, levantando os pontos luminosos e pensando em como fazer junto algo de bom pra comunidade”.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ato de tirar conclusões, que pressupõe emitir as próprias opiniões e impressões de algo, seja o que for, parece, a princípio, fácil de se realizar, já que estamos a todo tempo coando todas informações que recebemos e percebemos numa espécie de filtro conclusivo. Ou seja, nos tornamos, na maioria das vezes, uma espécie de especialistas em concluir. No entanto, tal tarefa apresenta graus de dificuldades que aumentam ao passo que nós nos colocamos a refletir sobre aquilo que estamos a julgar. E, conforme nos predispomos à desconstrução íntima dos nossos próprios saberes, nossa opinião incorpora

valores que darão um sentido a mais – ou até mesmo um novo sentido –, a tudo que conhecemos. Este conhecimento não é um ponto final em si mesmo. Ele deve ser, ao nosso entendimento, capaz de gerar novos conhecimentos; estes, por sua vez, não sobrepor-se-ão ao precedente, mas seu compromisso multiplicador será complementá-lo, dá-lo uma nova acepção.

Nesse sentido, a partir da experiência vivida no Arasempre, em Araçuaí, concluímos que o próprio CPCD é uma organização empoderada. Ele conseguiu se colocar no espaço público, com uma identidade própria, para realizar transformações na sociedade. Seu poder já é percebido não apenas pelos moradores da cidade, mas também pelo próprio poder público, que reconhece a importância do trabalho realizado pela organização, dando-lhe, inclusive, espaços institucionais como participação em conselhos. Assim, o próprio CPCD pode ser visto como um personagem empoderado.

Sua maior preocupação talvez seja o olhar direcionado ao lado positivo das pessoas, aos “pontos luminosos” de cada um, às potencialidades. Mesmo que alguma pessoa se julga não saber nada, o CPCD lhe mostra que alguma coisa ela sabe, e este saber pode ser transmitido para outras que porventura não sabem. Possibilitam, com isso, uma troca de “quereres, fazeres e saberes”. E para esse tipo de educação se realizar, não se faz necessária ou obrigatória uma escola. Isto não quer dizer a eliminação da escola, muito pelo contrário; ela deve repensar o seu papel enquanto parte essencial da educação, e estar aberta à autocrítica a fim de se reinventar em prol da própria sociedade que está inserida. Entretanto, o CPCD nos mostrou que é possível ter educação de qualidade de baixo de um “pé de manga”. As aspas são para dar um tom conotativo à árvore frutífera, já que a expressão utilizada pelos membros da ONG serve para representar a ideia de que uma boa educação pode acontecer em qualquer lugar, inclusive de baixo de um pé de manga sem aspas – aliás participamos de algumas rodas de muito aprendizado de baixo de pés de manga.

O empoderamento faz diferença. Disto não tivemos dúvida ao decorrer da rica experiência em Araçuaí. Do nosso ponto de vista, o empoderamento motivado pelas ações do CPCD fazem diferença na vida das pessoas envolvidas porque ele as possibilita refletir sobre si mesmas e sobre o mundo e sua própria relação com o mundo. Esta reflexão é seguida, normalmente, por ações práticas. Tais ações visam transformar e transformar-se. Elas compreendem desde a valorização da própria cultura local, até a elevação demasiada da autoestima, fatores estes que se complementam. Todas essas ações, enfim, tem uma

relação direta com o aumento da qualidade de vida dos indivíduos enquanto seres sociais e dinâmico inseridos numa sociedade complexa. Não diríamos, no entanto, que esse empoderamento preenche algumas lacunas de competência do Estado, por exemplo.

Por fim, o que podemos mencionar como possíveis desafios aos avanços da atuação do CPCD em Araçuaí refere-se, primeiramente, à desconstrução de mentalidades. Neste ponto, apesar das melhorias reais promovidas, ainda existe muita resistência às inovações – não apenas técnicas e práticas, mas também, e principalmente, de cunho ideológico – por parte de alguma parcela da população. Depois, o desafio de promover ou incentivar um maior engajamento e articulação nos processos políticos, uma vez que, embora as ações do CPCD contribuam com a melhoria da cidade, o papel do Estado ainda se faz insuficiente e necessário para tornar possível a causa do Arasempre – uma Araçuaí para todos e para sempre.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAQUERO, R. V. A. *Empoderamento: instrumento de emancipação social? - Uma discussão conceitual*. Revista debates, v. 6, n. 1, p. 173, 2012.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 59 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FRIEDMANN, J. *Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo*. Oeiras, Celta, 1996.

GALLICHIO, E. *Empoderamento, teorias de desenvolvimento e desenvolvimento local na América Latina*. Empoderamento e direitos no combate à pobreza, p. 67, 2002.

HOROCHOVSKI, R. R. *Empoderamento: definições e aplicações*. Encontro Anual da Anpocs, v. 30, p. 1-29, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310340&search=minas-gerais|aracuai>>. Acesso em 13 de maio de 2016.

PARREIRA, L. C. A. *Interfaces entre a gestão social e a educação: estudo de caso no centro de cultura e desenvolvimento - CPCD*. Tese. (Mestrado em Administração). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC-SP, 2014.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. *Relatório de Informações Sociais*. Disponível em: <<http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/RIV3/geral/relatorio.php#VisãoGeral>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

ROMANO, J.O.; ANTUNES, M. *Empoderamento e direitos no combate à Pobreza*. Rio de Janeiro: Action Aid Brasil, 2002.

ROMANO, J. O. *Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza*. Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, p. 9-20, 2002.

ROSO, A.; ROMANINI, M. *Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico*. Psicologia e Saber Social, v. 3, n. 1, p. 83-95, 2014.

ROCHA, S. *A pedagogia da roda*. Boletín Espacio para la infancia, p. 24-29, 2006.

SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SITE CPCD. Disponível em: <<http://www.cpcd.org.br/>>. Acesso em 13 de maio de 2016.

SOARES, G. C. *Vale do Jequitinhonha: um vale de muitas culturas*. Cadernos de História, v. 5, n. 6, p. 17-22, 2000.

SPINK, P. K. *O Pesquisador Conversador no Cotidiano*. Revista Psicologia & Sociedade, v. 20, 2008.

VALOURA, L. C. *Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador*, 2010. Disponível em: <[http://tupi.fisica.ufmg.br/~michel/docs/Artigos\\_e\\_textos/Comportamento\\_organizacional/empowerment\\_por\\_paulo\\_freire.pdf](http://tupi.fisica.ufmg.br/~michel/docs/Artigos_e_textos/Comportamento_organizacional/empowerment_por_paulo_freire.pdf)>. Acesso em 28 de agosto de 2016.

VILLACORTA, A. E.; RODRÍGUEZ, M. *Metodologias e ferramentas para implementar estratégias de empoderamento*. Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, p. 45-66, 2002.